ISSN: 2358-8829

Sociologia Urbana em imagens: experiência pedagógica em turmas de 3ª série dos cursos integrados de Ensino Médio

Marcelo da Silva Araujo[1]

INTRODUÇÃO

Como veremos, este texto, que trata das contribuições da Sociologia escolar, inspira-se na avaliação dos resultados acadêmicos (isto é, dos trabalhos confeccionados e entregues pelas/os estudantes) que atenderam a uma "atividade interdisciplinar" envolvendo os componentes curriculares Empreendedorismo, Filosofia, História e Sociologia. Pretende-se, pois, relatar a experiência de um trabalho em turmas de 3ª série do Ensino Médio Integrado dos cursos de Instrumento Musical (IM), Manutenção e Suporte em Informática (MSI) e Edificações (TED) com o tema "cidade". Para tanto, a reflexão documental e visual do município de Monteiro constrói nar-rativas e reconceituações acerca dos temas pertencimento, patri-mônio, espaços de práticas econômicas e enquadramentos sociais, entre outras categorias importantes na caracterização de um lugar, no sentido sociológico.

Vale adiantar que, se especifiquei acima os cursos de origem dos estudantes que confeccionaram os trabalhos, na seção em que eu os examino, codifico e analiso tais fronteiras desaparecerem. Isto é, na interpretação das imagens produzidas e suas interseções e leituras sociológicas, a autoria coletiva é privilegiada.

Este texto é um desdobramento de um anterior. Os resultados da atividade pedagógica incorporam, em sua pegada analítica, os temas das ciências sociais e consagram a autoralidade dos estudantes na construção do conhecimento sobre o município que abriga o Campus.

Sociologia Urbana em imagens: fotografias, conexões de sentido e educação crítica

No texto desta coletânea que é complemento deste - Sociologia, interdisciplinaridade e "currículo integrado": reflexões como preâmbulo de um relato de trabalho envolvendo fotografia e estudos urbanos -, teci considerações acerca da cidade como lócus da produção e da reflexão da atividade e da fotografia, suporte para estes resultados. Assim, por medida de economia e de concentração dos debates sobre os elementos que caracterizam os resultados ora

[1] Doutor em Antropologia. Professor Titular do Instituto Federal da Paraíba *campus* Campina Grande. E-mail: marcelo.araujo@ifpb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

relatados, não os reproduzirei aqui, reforçando, assim, a sugestão de visita ao texto em questão.

Estabeleci um recorte no conjunto das imagens apreciadas. Desta maneira, elaborei "eixos temáticos", a partir dos quais foram definidas caracterizações e quantidades: Catolicismo, Feiras e mercados, Invisibilidade social e Praça pública como centralidade. Para cada um desses eixos, elegi uma imagem representativa do seu conjunto. Esta contém simbolicamente, quero crer, os elementos mais fundamentais dos registros do eixo temático. Estou ciente de que esta definição é arbitrária, contudo julgo-a conformadora de um instrumental adequado para o fim visado.

Antes de iniciar, gostaria de abordar uma questão. Trata-se do esclarecimento de que denominarei as representações como *imagens*. Não me agradam os termos *figura* (pois é potencialmente reducionista da complexidade da representação) e *fotografia* (pois não se trata mais de uma fotografia, e sim é uma representação gerada eletronicamente, por intermédio do captador do aparelho celular, a partir - aí sim - da fotografia).

Catolicismo

A religião, em sua dimensão contemporânea de diversidade e multiplicação de doutrinas e denominações, é um assunto "bom pra pensar" e para refinar a competência analítica e interpretativa dos estudantes. O fato mesmo de muitos destes jovens terem religiosidade (e, por vezes, uma religião), praticando-a com alguma regularidade, torna a pesquisa e o debate sobre seus resultados um terreno fértil para a melhor compreensão da realidade e, o que é mais importante, para o exercício das leituras acerca dessa pluralidade e de suas regras de funcionamento interno.

ISSN: 2358-8829



Figura 1 - A igreja e sua influência para a sociedade
Fonte: Autores: Ana Vitória de Paiva Sousa, Elisa da Fátima Ranikelly Sousa Araújo, Maria Rita Feitosa Ferreira, Wiliane Iorrana de Souza Moura Honório. Turma: 3a série de Manutenção e Suporte em Informática
Data: 28 de abril de 2022.

Produzida por estudantes do curso de Manutenção e Suporte em Informática, a escolha é motivada por ser a igreja matriz (Nossa Senhora das Dores), nas palavras destes, "um patrimônio cultural de extrema importância para a sociedade". Interpretativamente, uma suposição possível é a de que o processo de produção de sentido que a imagem empresta à realidade concreta se faz a partir de uma dada espacialidade. Esta, com seus sugeridos diferentes espaços da representação (exterior/interior, aberto/fechado, vazio/preenchido), informam-nos sobre os códigos de comportamentos associados a um determinado grupo.

Como a vida de boa parte daquela comunidade era integrada à Igreja, nas palavras destes estudantes, e relacionada a uma forma de mobilidade urbana, pode-se perceber

> [...] a forte influência da igreja através das procissões, onde pessoas da zona rural, urbana e até mesmo de municípios vizinhos, se reúnem durante a festa da padroeira, caminhando por grande parte da cidade, até chegar no local determinado. Além da presença e junção de diferentes classes sociais nas missas religiosas, não ocorrendo a centralização de uma única classe. (Trecho da análise dos estudantes sobre a imagem produzida).

Estas "pessoas da zona rural, urbana e até mesmo de municípios vizinhos" que "se reúnem durante a festa da padroeira" teriam, de acordo com os estudantes, uma conexão com a Escola Sociológica de Chicago, uma vez que se pode notar que "a igreja estabelece um ecossistema (urbano) na sociedade", sendo considerada "um conjunto de comunidades, onde os

ISSN: 2358-8829

sujeitos desses diferentes habitats frequentam aquele local e interagem entre si".

Esta referência à Escola de Chicago traz em si a noção de que a cidade pode ser transformada em um laboratório social e de que ela se organiza e se apresenta por intermédio de uma ecologia, a eco-logia urbana, como na acepção de Robert Ezra Park (1979 [1916]).

A conclusão a que o grupo chegou é que existe uma função social nas religiões e que há uma hierarquização no seio de um segmento da sociedade que lida discursivamente com o espírito. Identificaram, pois, um possível sintoma de uma necessidade de retomada do religioso em um mundo cada vez mais individualista e acelerado.

Feiras e mercados

> As feiras são uma tradição na maioria das cidades. Esta venda de frutas, carnes e legumes nunca sai de moda. Muitos de nós temos memórias associadas às feiras de rua. O cheiro de frutas, doces, o burburinho das bancas do mercado. Com o passar dos anos, as feiras se seguiram. "Acabarão", dizem os mais pessimistas, provando que não haverá, na vida digital e moderna, espaço para tradições antigas. (Trecho da análise dos estudantes sobre a imagem produzida).

Esta passagem produzida por estudantes do curso de Edificações é, em si mesma, epigráfica. Com os termos "tradição" e "memórias", expressa a importância econômica - obviamente -, mas também de fundo afetivo das cidades em geral, em especial as pequenas e médias.

As imagens que seguem, particularmente a primeira, atestam que o desenvolvimento do município de Monteiro está inteiramente ligado ao seu mercado público. Por causa, e em razão disso, a pesquisa econômica da/sobre a feira atravessa diferentes áreas das Ciências Sociais. Como diz um dos trabalhos avaliados, "a feira, antes vista como livre comércio, vai um passo além e integra a economia e interação social, contribuindo ao negócio local, dando-lhe diferentes significados"



Figura 2 – Mercado público
Fonte: Autores: Anita da Silva Melo, Jeferson Rodrigues Fernandes José Juan Pablo de Almeida Feitosa e Turma: 3ª série de Edificações. Data: 27 de abril de 2022

ISSN: 2358-8829

Os grupos que escolheram este tema importaram-se particularmente pelo seu passado. Na visão deles, "historicamente, sabemos que o mercado público e as casas em seu derredor foram construídos com a mão de obra negra". Isso, continuam, "evidencia uma certeira herança daquelas pessoas que, em outros tempos, não tinham sequer a liberdade de escolher". A atualidade parece, então, não ter alterado (ou atualizado) esta relação, de vez que "por trás de cada produto vendido, há um trabalho braçal envolvido na fabricação dos mesmos". Por consequência, "para que esses produtos cheguem nas mãos dos comerciantes acontecem vários processos. Um deles é o trabalho braçal para o cultivo e a exportação das mercadorias".

> [...] algumas atividades dentro da feira podem ser associadas a uma relação de escravidão, ultrapassando os limites dentro do que "é normal" para a idade de uma criança que trabalha no local (...) De tanta alegria, este momento de simpatia deixa o trabalho infantil praticamente ignorado. (Trecho da análise dos estudantes sobre a imagem produzida).

Estas seriam, assim, uma "herança da nossa cultura até os dias atuais, com agricultura familiar que vem preservando essa nossa identidade dos escravos no nosso cotidiano". Na mesma lógica de crítica, os autores argumentam que a feira é um grande centro para a economia da cidade, uma vez que "a população rural, urbana e até de outras cidades vizinhas costumam ir a este local". A presença da feira, com este lugar de preservação de traços negativos acumulados, ocuparia "uma grande área habitacional em comparação às pequenas casas que poderiam ser construídas e distribuídas para pessoas que possuem vulnerabilidade social diminuindo assim indivíduos em condições de rua".

Neste trecho, vemos combinarem-se analiticamente as ideias do filósofo francês Henri Léfèbvre (2001), para quem, em sua teorização, apresenta-se uma ênfase no urbano como um espaço socialmente produzido, baseado na inexistência de um corte profundo entre rural e urbano (estes, segundo ele, não se encontram em contraposição aberta, mas sim em constante interpenetração) a uma interpretação à brasileira ao Paradigma da Marginalidade e às noções de espoliação urbana e de periferização, pelo sociólogo Lucio Kowarick (1979), conectando-se, deste modo, com análises que se convertem em peças fundamentais para se compreender o nascimento e o desenvolvimento da sociologia urbana fora dos centros europeus e estadunidenses.

Os estudantes, como mencionados mais acima, também observam que "o mercado se encaixa no ecossistema (no qual a feira livre pode ser frequentada por todos tanto de classe alta ou baixa) urbano por meio da necessidade ou 'comunidade biológica'". Assim:

> [...] o ecossistema social, pode-se dizer, sempre e cada vez mais está em constante desequilíbrio, pois as pessoas que não são "privilegiadas" com um tipo de riqueza e

ISSN: 2358-8829

> passa[m] a viver em um ecossistema diferente daqueles que são ricos, porque como diz a frase "o indivíduo vale o ponto geográfico que ele ocupa" [referindo-se a uma célebre frase cunhada pelo geógrafo Milton Santos], relacionando essa frase do espaço geográfico com o ecossistema social tende à ideia de desigualdade.
> Ou seja, o ecossistema de classe baixa seria a periferia dos bairros mais pobres, já o ecossistema de classe alta são os bairros melhores com mais oportunidades, os bairros ricos. Nesse contexto, vem a ideia de um abismo de desigualdade entre esses ecossistemas. (Trecho da análise dos estudantes sobre a imagem produzida).

Segundo eles, neste ecossistema, diferentes indivíduos "necessitam interagir uns com os outros, deixando um pouco de lado o seu nicho ecológico e se misturando, não por vontade própria, mas sim por pura interdependência".

Apesar de este não se comunicar historicamente com a Escola de Chicago, o conceito a alteridade, o "outro", propõe uma subjetividade que pode "se aplicar ao vendedor e ao cliente: o vendedor comercializando sua mercadoria com o cliente, [o qual] com algum aspecto ou instinto, tem por si um jeito de caráter diferente". Há uma "filosofia da alteridade" no comércio, posto que o vendedor "contrata funcionários de modo diferente de empresas padronizadas; na maioria dos casos, os donos dessas lojas contratam funcionários com os quais já têm algum tipo de relação ou conhecimento". Finalizam, associando cirurgicamente o contexto destes espaços de trocas econômicas àquele dos insumos fornecidos a eles, o papel relegado à mulher. Para eles, na atualidade, "o patriarcado ainda rege a vida de algumas pessoas, principalmente no âmbito da agricultura". Porém, indicam uma (radical) mudança de cenário: o empoderamento e o protagonismo comercial das mulheres figuram como elementos transformadores de uma sociologia propriamente urbana. Se não, vejamos:

> [...] algumas mulheres ocupam uma situação subordinada na agricultura, [nela] seus trabalhos nas plantações são conceituados como uma forma de ajuda ao agricultor (marido). (Trecho da análise dos estudantes sobre a imagem produzida).

Concluem afirmando que

> [...] quando analisamos minuciosamente a porcentagem de mulheres que ocupam as compartições (sic) do mercado público, é notório como estas damas se desprenderam das ideias patriarcais impostas no decorrer dos séculos impondo, assim, um equilíbrio de gênero. (Trecho da análise dos estudantes sobre a imagem produzida).

ISSN: 2358-8829

Invisibilidade social



Figura 3 – Cegueira da Sociedade
Fonte: Autoras: Ana Clara Vasconcelos dos Santos; Anna Lívia Caldeira Martins, Celline Campos da Silva e Steffany Gonçalves Xavier. Turma: 3ª série de Manutenção e Suporte em Informática**.** Data: 24 de abril de 2022.

O município de Monteiro não escapa às mazelas das médias e grandes cidades brasileiras: há uma população de rua nas proximidades de seus principais equipamentos econômicos (feiras e comércio em geral). Assim, os cliques nestes indivíduos feitos à distância (a dúvida é se são, de fato, aquilo que denominamos comumente de "população em situação de rua") corroboram com o fato de que mesmo nos municípios menores a situação socioeconômica obriga cidadãos e cidadãs a vagarem em busca de sustento, mesmo (e especialmente) que ele se apresente como descarte ou acondicionado em potencial degradação.

Os estudantes que optaram por este tema, utilizaram-se de uma referência já mencionada acima: o sociólogo alemão Georg Simmel. De acordo com eles, interpretando os argumentos do pensador, a cidade contemporânea - assim como a do século XIX, que inspirou Simmel - com o "ritmo acelerado... cria tantos estímulos ao indivíduo, que chega um momento que ele para de reagir". Deste modo, os estudantes indicam que o conceito do acima referido pensador, a "atitude blasé", associa-se ao "anestesiamento do sujeito", uma vez que "o que cerca deixa de ser significativo, interessante ou relevante".

Assim, o tema da segregação socioespacial surge na fala dos autores da fotografia.

ISSN: 2358-8829

Embora o tema em questão seja o da invisibilidade social há, por incrível que pareça, algo pior, uma vez que mobiliza este anestesiamento: a população em geral "ao encontrar tanto sofrimento no mundo, evita se preocupar com a situação" e transforma tais pessoas em "só mais um elemento da paisagem urbana". Esta realidade, segundo eles, é "comumente assistida, mas dificilmente vista". Isto é, "por mais que seja visível fisicamente, a mesma seria invisível - pelos fatores citados - para o Estado e até mesmo para a sociedade".

Desta maneira, pensando na cidade a partir das obras do sociólogo Georg Simmel e do assistente social e sociólogo Louis Wirth (este integrante da Escola Sociológica de Chicago), "a atitude blasé e a reserva dotariam o homem metropolitano de uma liberdade que destoa [do todo], se comparada à pequenez e aos preconceitos presentes nas pequenas cidades". Nesse sentido, ainda de acordo com estes autores, o "aumento da população é diretamente proporcional ao aumento da indiferença do cidadão". Essa característica estaria, portanto, ligada ao dilema "ser mais um no meio de uma multidão", ao sentimento de solidão dos cidadãos. Contudo, como vimos linhas acima, o tamanho da cidade parece não ter, no tempo atual, tanta ingerência sobre os mecanismos de segregação populacional urbana...

A percebida segregação socioespacial parece ter conjunções com formas outras de segregação. Daí que alguns estudantes compreenderam a elasticidade desta segregação ao ponto de associá-la a outro problema histórico-estrutural de nosso país: o racismo. Segundo eles:

> Ao entrarmos nos comércios localizados no centro, a grande maioria dos donos desses lugares são brancos, e as pessoas que trabalham nesses ambientes [em sua] maior parte são pardos e brancos. Há pouquíssimas pessoas pretas! Isso se dá por causa da grande desigualdade racial existente, e é uma consequência do racismo. (Trecho da análise dos estudantes sobre a imagem produzida).

> No Brasil, a desigualdade é diretamente ligada à colonização e à escravidão. Por conta dessa herança histórica, vinda de centenas de anos de escravidão, nasce o que chamamos de racismo estrutural. (Trecho da análise dos estudantes sobre a imagem produzida).

Esta percepção torna-se ponte para uma outra. Aliás, outra percepção em outra disciplina, a Filosofia. Os estudantes conseguem criar um *link* com a Filosofia da Alteridade, em particular aquela trabalhada pelo filósofo Emmanuel Lévinas. A invisibilidade social, associada à noção de alteridade, seria o oposto - ou o antídoto - da noção de que "nós, como civilização, temos uma sociedade baseada no individualismo e no egocentrismo". Nesta, "o outro só existe porque nós existimos para validar a sua existência". Desse modo, "se eu não acreditar ou simplesmente ignorar o outro, isso não interfere na minha existência como indivíduo", informam nos textos que escreveram para justificar suas escolhas temáticas.

Os estudantes refletem no fato de que há uma "certa dificuldade em perceber o Outro,

ISSN: 2358-8829

reduzindo-o à totalidade". Assim, evocando Lévinas, identificam que o "sofrimento do Outro não me afeta". Desta feita,

> [...] podemos tentar [nos] colocar no lugar dessas pessoas, tentar compreendê-las sem julgamentos. Só assim a alteridade - que é sobre como as pessoas se colocam no lugar do outro - deixará de ser um conceito e se tornará uma prática cotidiana. (Trecho da análise dos estudantes sobre a imagem produzida).

Por fim, a invisibilidade social teria, repetindo o que disse acima, como antídoto a alteridade, uma vez que "temos consciência de nós porque estamos em nós" e "para ter uma consciência do outro equivalente à minha [carece] estar nele".

Praça pública como centralidade



Figura 4 - Uma visão através do óbvio
Fonte: Autoras: Jennifer Lorrany de Freitas Silva; Lívia Gonçalves de Lima; Maria Eduarda Marques Leal e Rivânia da Silva Rodrigues. Turma: 3ª série de Manutenção e Suporte em Informática. Data: 27/04/2022. A Praça Presidente João Pessoa é a praça central do município de Monteiro.

Considerações finais

A expansão dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia foi significativa e transformou a vida de inúmeros jovens, principalmente da classe trabalhadora, que conseguiu ingressar na educação profissional. Assim, sua função social torna os centros de estudos mais democráticos. Isso proporciona um alcance social muito grande, de pessoas que jamais teriam a oportunidade de cursar uma educação profissional, e muito menos educação superior.

A ideia era que pessoas que não poderiam se mudar de sua região para estudarem nas cidades grandes fossem contempladas com instituições mais próximas ou até mesmo em seu município. A interiorização dos institutos federais representou, na prática, a inclusão de milhares de pessoas que antes estavam apenas à margem. Ela também gerou a criação de vários campos do conhecimento.

Entendo que formar técnicos é mais do que dotar os agentes sociais de um saber específico sobre uma área do conhecimento: é necessário que eles saibam como esse conhecimento é produzido socialmente, em que contexto e com quais finalidades. Assim, a

ISSN: 2358-8829

Educação Profissional encontra-se ligada diretamente ao processo de desenvolvimento da sociedade industrial, assim como as ciências humanas e sociais, as quais contribuem para a crítica das formas existentes de sociedade (Oliveira, 2013).

No "currículo integrado" (Ramos, 2009), conhecimentos de formação geral e específicos para o exercício profissional também se integram. Um conceito específico não é abordado de forma técnica e instrumental, mas visando a compreendê-lo como construção histórico-cultural no processo de desenvolvimento da ciência com finalidades produtivas. Em razão disto, no "currículo integrado" nenhum conhecimento é só geral, posto que estrutura objetivos de produção, nem somente específico. A problematização e distinção entre senso comum e saber científico, o que em nossa concepção é um elemento fundamental para a formação tecnológica". (Oliveira, 2013, p. 172). Deste modo, a relevância que possui para o aluno que ingressa em um curso de formação profissional de compreender o seu lugar no mundo, o lugar do conhecimento que ele está operacionalizando, e para tal feito certamente a Sociologia possui uma contribuição inestimável.

É fato que os educadores têm responsabilidade em promover um ensino organicamente integrado para que os estudantes adquiram as habilidades de investigar, compreender, comunicar e, principalmente, relacionar o que aprendem a partir do seu contexto social e cultural. Porém, sabe-se também, como propugnam, desde 2002, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que a integração de conhecimentos disciplinares e o desenvolvimento de competências neste nível do processo educativo não exigem necessariamente a realização de projetos interdisciplinares nos quais diferentes disciplinas tratem ao mesmo tempo de temas afins.

Afinal, estabelecer elos entre as disciplinas exige ter conhecimento sobre fenômenos e/ou fatos que dizem respeito a outras disciplinas. E, para superar a lacuna de uma formação inicial em uma área específica, aprendemos uns com os outros e estudamos objetos de conhecimento de outras disciplinas, deixando de lado a atitude de "quem sabe muito a respeito de um ramo do saber" e admitindo que esse saber, sozinho, "não responde às necessidades educacionais atuais", como nos ensinam Hartmann e Zimmermann (2007, p.10).

Entretanto, a certeza de que cada educador pode compreender melhor o ponto de vista do outro através do diálogo e da busca por conexões entre os objetos de conhecimento das disciplinas me animou para a realização deste relato de experiência, bem como, antes, da proposição e implementação do trabalho entre estudantes.

O docente de Sociologia tem por hábito de ofício (e de formação) via de regra relacionar a presença dos clássicos da disciplina em quase todos os temas. Isso tem por objetivo

ISSN: 2358-8829

demonstrar, para os alunos, a importância destes na edificação do capital temático da área. Contudo, apesar do caráter indiscutivelmente essencial de alguns temas, os mesmos não entram nominalmente no currículo praticado. Digo que "não entram nominalmente" pois estão presentes nas discussões e debates das aulas como uma referência ainda profundamente presente na organização da visão de si e do mundo dos mais distintos indivíduos.

Apoiei-me, para justificar este esforço integrativo, em Oliveira (2013, p. 169), para o qual é contribuição das Ciências Humanas e Sociais propiciar aos jovens "o exame de situações que fazem parte do seu dia a dia, imbuídos de uma postura crítica e atitude investigativa". É, então, sua tarefa desnaturalizar os fenômenos sociais, mediante o compromisso de examinar a realidade para além de sua aparência imediata, informada pelas regras inconscientes da cultura e do senso comum. Despertar no aluno a sensibilidade para perceber o mundo à sua volta como resultado da atividade humana e, por isso mesmo, passível de ser modificado, deve ser a tarefa de todo professor. Afinal, tais ciências examinam as sociedades modernas, nas quais elas, as ciências, constituem, em seu processo reflexivo, elemento central.

Nestas sociedades, há, como afirma Giddens (1991), a formulação de um sistema perito, sintetizado na figura do especialista, no caso aqui pensado isto é especialmente emblemático, já que a educação profissional integrada ao Ensino Médio, para além de formar o sujeito de modo abstrato e genérico ou amplo, visa também tornar esse sujeito em especialista em um dado saber. Para este especialista, o conhecimento sociológico mostra-se fundamental, tendo em vista o próprio mundo no qual o seu conhecimento especializado está inserido.

Mas, e sobre as alunas e os alunos na tarefa desenvolvida?

As conclusões a que chegaram elas e eles, autores da pesquisa, apresentam os espaços urbanos como espaços potencialmente pedagógicos e informativos quando explorados. Objetivando impulsionar minimamente e de forma semiautônoma, uma vez que os temas foram pré-determinados pelo professor, as experiências práticas de pesquisa, a conferência de sentido ao que se aprende nas aulas de Sociologia fica fortalecida. Experienciar os temas como complemento ao seu manuseio conceitual dá carne e sangue à disciplina.

Desta forma, a atividade de pesquisa aguçou o interesse dos alunos. E isso ocorreu independentemente das opções de carreira universitária de cada um, se se considerar o momento da trajetória escolar em que se encontram. O manuseio com a fotografia, expressão típica e corriqueira da juventude do nosso tempo, viabilizou a fixação de um aspecto do real que não é mais que o resultado de uma seleção arbitrária, e, portanto, de uma transcrição. Sua imagem "impessoal" e "objetiva" localiza a ideia de foto-prova, não só do que o indivíduo vê, não só um registro, mas uma avaliação do mundo.

ISSN: 2358-8829

Deste modo, entre todas as qualidades do objeto, são retidas apenas as qualidades visuais que se dão no instante, e a partir de um ponto de vista único. O que se observou foi que, além de conhecerem melhor o perfil de uma pesquisa em Sociologia, muitos demonstraram inclinação para o investimento educacional nas hu-manidades, notadamente a História, a Geografia e a Sociologia/Antropologia/Ciências Sociais.

Palavras-chave: Ensino Médio. Sociologia. Cidade. Trabalho integrado. Memória. Crítica

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Marcelo e LÔBO, Igor. "Ciências e revoluções. Um relato de experiência de um trabalho integrado entre Física e Sociologia com estudantes de Ensino Médio". In: **Cadernos da Educação Bá-sica**, vol. 1, n. 1, maio 2016.

_____. "Olhando a cidade, discutindo a sociedade: experiência, pesquisa e a cidade como ambiente pedagógico". **Revista Perspectiva Sociológica**, Número Especial, 2º sem. 2012/1º sem.2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HARTMANN, Angela Maria e ZIMMERMANN, Erika. "O trabalho interdisciplinar no Ensino Médio: A reaproximação das 'Duas Culturas'". In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, Vol. 7, nº 2, 2007.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LÉFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAFFESOLI, Michel. "O poder dos espaços de celebração". **Revista Tempo Brasileiro**, nº 116, RJ: Tempo Brasileiro, jan./mar. 1994.

OLIVEIRA, Amurabi. "Em que a Sociologia pode contribuir para a educação profissional e tecnológica?". **HOLOS**, vol. 5, ano 29, 2013.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano [1916]. *In*: VELHO, Otávio Guilherme(org.). **O fenômeno urbano**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

RAMOS, Marise Nogueira. "Currículo integrado". **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**, RJ: Editora da FIOCRUZ, 2009.